



# Representações de gênero e raça no âmbito doméstico: uma análise crítica do filme *La noire de...*

Alina Freitas Praxedes\*

pp. 53-61

## 1. Considerações iniciais

Partindo do pressuposto de que o cinema pode ser uma ferramenta de reflexão a partir do contexto histórico, social e político no qual os indivíduos estão inseridos, muitas/os cineastas utilizaram e utilizam essa arte para retratar as questões sociais de seus países. Com Ousmane Sembène (1923-2007) não foi diferente; o produtor e escritor senegalês retratou em suas obras as questões de dominação que o povo africano viveu, sobretudo o povo senegalês.

A produção cinematográfica ainda é um espaço dominante do capitalismo global. Nesse âmbito de disputa, muitas/os cineastas utilizam o cinema como uma ferramenta que irá questionar a ordem hegemônica. Deste modo, Sembène trouxe em suas obras a luta contra a Colonialidade do Poder no Senegal e em toda a África e começou a investir mais nos filmes do que em suas novelas, porque acreditava que o cinema alcançaria pessoas de diversas classes, diferente de suas novelas escritas que ficariam a mercê do grupo intelectual. Então o próprio Sembène ia até os vilarejos expor seu filme na língua *wolof*<sup>1</sup>. Afinal, ele mesmo afirmava: “O que me interessa é expor os problemas do povo ao qual pertencço, para mim o cinema é um meio de ação política” (Hanebelle, 1968).

O Senegal foi reconhecido como país, somente em 1960 após a descolonização francesa constitucional. Então sua produção cinematográfica estava caminhando a passos lentos, quando surge *La noire de...* (1966), sendo o primeiro filme produzido por um africano negro que inspirou outras/os cineastas a denunciarem a dominação política, cultural, histórica dos países ocidentais sobre o continente africano.

*Antes de começar a filmar, Sembène estabeleceu uma carreira como escritor – boa parte dos seus filmes, incluindo La Noire de..., é adaptada dos seus romances e contos –, na qual mostrava um alinhamento com visões sociais próximas do comunismo – e os países deste sistema político reconheceram as semelhanças e mostraram interesse pela sua obra numa época-chave da Guerra Fria, na qual americanos e soviéticos disputavam o poder de influenciar política e culturalmente os países africanos formados com a descolonização (Nascimento, 2015).*

\* Universidade de Brasília/Brasil.

<sup>1</sup> Língua falada no Senegal. Cerca de 40% do país tem *Wolof* como língua materna, apesar do Francês ser a língua oficial.

Apesar de o Senegal não ser mais uma colônia de exploração francesa após a independência, não se diferenciando de outros países que foram colonizados, a dominação tanto do país colonizador como de outros países considerados potências mundiais tentaram e ainda tentam possuir o controle de todas suas estruturas, como Mignolo (2010) afirma: controle da economia, dos recursos naturais, do gênero e da sexualidade e da subjetividade e do conhecimento.

Esse filme “de contrastes estéticos e ironias semânticas” (Santiago, 2015) e em preto e branco conduz a história de uma jovem senegalesa, que está à procura de um trabalho. Consegue ser contratada após alguns dias ter ido à “praça das criadas”, local onde se reúnem mulheres à procura de trabalho doméstico. Em um desses dias na praça, uma francesa aparece em busca de uma trabalhadora. Todas as mulheres se jogam em cima dela pedindo para serem contratadas, exceto Diouana que continua sentada. Então a francesa a aborda e pergunta se ela sabia cuidar de crianças e se ela já havia trabalhado com brancos. Apesar de Diouana nunca ter trabalhado com brancos, a francesa mesmo assim a contrata. Ela trabalha como babá por um tempo na casa desse casal francês, em Dakar (Senegal), que tinha três filhos. Muito feliz em seu trabalho, e o casal satisfeito com seu trabalho, eles irão voltar a França e convidam Diouana para ir trabalhar com eles em seu apartamento em Antibes, região Provence-Alpes-Côte d’Azur, um dos lugares mais luxuosos e caros do mundo. Diouana, encantada com a França que via nas revistas, acaba aceitando essa mudança, sem imaginar que essa decisão iria ter graves consequências em sua vida. No desenvolvimento do enredo, o autor apresenta de modo “sutil” as relações de gênero e raça no âmbito doméstico, os preconceitos raciais enraizados, o estranhamento e distanciamento com a cultura do outro, entre outros questionamentos nos quais podemos considerar que o filme é insurgente para a época, e que, sem dúvida, um dos objetivos de Sembène era questionar os estereótipos em relação ao continente africano, buscando uma sociabilidade melhor não somente para essas pessoas, mas para toda a população negra.

## 2. A negra de... seus padrões: nem tudo é ficção

Em meio à discussão sobre o trabalho doméstico e sua estrutura sócio histórica, é necessário compreender a concepção de trabalho que, de acordo com Granemann (2005), “[...] continua a ser o eixo fundamental da sociabilidade humana”, sendo uma atividade que produz “bens socialmente necessários”, e reconhecida como “fundamento da própria reprodução da vida”, diferenciando-se de emprego, que possui uma dimensão ideológica distinta, considerada uma atividade “alienada, mercantil e lucrativa” no capitalismo. O significado de trabalho também é discutido pelas autoras que argumentam:

*Podemos dizer que o significado do trabalho na sociedade contemporânea pode ser pensado por três ângulos, não necessariamente antagônicos: como fonte de realização pessoal que pode conferir status e constituir elemento de afirmação econômica; em sua dimensão instrumental, como elemento de apropriação da autonomia dos indivíduos, na qual a realização torna-se secundária e a necessidade econômica, imperativa, sendo o tempo todo dedicado ao trabalho ampliado na proporção inversa às possibilidades de ganho para realização pessoal; e, por fim, como elemento que permanece central na constituição das identidades dos indivíduos (Araújo e Scalón, 2005 – grifos das autoras).*

Para uma maior compreensão sobre o trabalho, é importante o retorno à história antes mesmo do modo de produção capitalista. Marx em *O Capital* (1988) afirma que nos Estados Unidos, na época da exportação de algodão, havia uma exploração intensiva da

população negra e que, na maioria dos casos, a vida dessa classe trabalhadora em média se esgotava em sete anos. “Tudo girava em torno da produção de mais valia pela mais valia mesma” já que o modo de produção escravista reduzia tudo à mercadoria, inclusive o escravizado.

Ao longo do desenvolvimento da sociedade, o modo de produção também foi moldando as relações. No Brasil, a exploração do trabalho livre foi “negociada” através dos “contratos de parceria, de locação de serviços e o sistema do colonato” (Pires e Costa, 2000). Desse modo, observam-se as consequências do capital escravista-mercantil para a sociedade atualmente, tendo em vista a existência de uma relação hierárquica nas divisões de funções baseada em raça, gênero e classe.

Como podemos constatar, o sistema capitalista não é o elemento central de todas as relações de dominação. Na Grécia Antiga, o trabalho físico era realizado pela população escravizada. Já o trabalho intelectual era destinado aos homens livres. Observamos a semelhança em relação ao trabalho doméstico que é uma das atividades mais antigas do mundo onde homens e mulheres dividiam as tarefas de acordo com os determinantes de gênero desde a era primitiva. Por exemplo, o homem caçava e a mulher cozinhava. No entanto, “a primeira divisão do trabalho é a que se faz entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos” (Marx e Engels, 1977). Durante o século XIX, houve uma ênfase na divisão sexual do trabalho que prevalecia “o homem na fábrica, a mulher em casa, ocupando do doméstico” (Perrot, 2008).

Mesmo que o trabalho feminino seja considerado socialmente inferior ao masculino, ele possui uma função econômica relevante, até mesmo na unidade familiar. “Enquanto o processo de criação da riqueza social é extremamente lento, não impõe à sociedade a necessidade de excluir as mulheres do sistema produtivo. Seu trabalho é ainda necessário para garantir a ociosidade das camadas dominantes” (Saffioti, 2013). E em cada modo de produção foram inseridas barreiras que objetivavam a marginalização da força de trabalho feminina no sistema produtivo. Já com o advento do capitalismo houve uma “subvalorização” das mulheres de modo sexista e patriarcal, “qualificando-as” em determinadas profissões como inferiores aos homens, de acordo com os determinantes de gênero e estereótipos já impostos e consolidados.

As atividades domésticas são consideradas como improdutividade e não trabalho, como recordam as autoras Melo e Castilho (2009) porque equivocam-se a categorizar intencionalmente o trabalho produtivo relacionado a produção de mercadorias e o trabalho em si com emprego. Porém, esse discurso é facilmente problematizado. Por fim, trabalho é o “resultado histórico da luta do ser humano (homens e mulheres) com a natureza no processo social de produção de sua vida” (Saffioti, 2013), sem esquecer que a sociedade precisa do trabalho feminino para se manter.

*O trabalho doméstico é uma das profissões mais antigas e das mais importantes para milhões de mulheres em todo o mundo. Encontra-se enraizado na história global da escravidão, do colonialismo e de outras formas de servidão. Na sociedade contemporânea, o trabalho de prestação de cuidados no domicílio é essencial para que a economia fora dos lares possa funcionar. Nas duas últimas décadas, registou-se um aumento generalizado da procura de serviços de prestação de cuidados. A integração maciça das mulheres na população activa, o envelhecimento das sociedades, a intensificação do trabalho e a frequente ausência ou inadequação de medidas de política facilitadoras da conciliação da vida familiar com a vida profissional estão subjacentes a esta tendência. O pessoal do serviço doméstico constitui, hoje em*

*dia, uma parte significativa da população activa, em especial nos países em vias de desenvolvimento, registando-se um aumento contínuo do seu número – inclusive nos países industrializados. (Bureau Internacional do Trabalho, 2010).*

Segundo os dados da Organização Internacional do Trabalho – OIT (2015), no mundo a cada 100 mulheres que trabalham, 14 são trabalhadoras domésticas, e apesar de ser uma profissão desvalorizada em diversas instâncias e com “extensas jornadas de trabalho, baixas remunerações, escassa cobertura de proteção social e um alto nível de descumprimento das normas do trabalho” (OIT, 2010), carrega uma contribuição muito significativa para a economia mundial, já que existem mais de 14 milhões de mulheres ocupadas segundo a Organização.

Isso sem contabilizar as trabalhadoras informais, as imigrantes que não possuem documentos, o trabalho infantil feminino, entre outras. “Estima-se que 90 % de toda a atenção doméstica não remunerada é assegurada pelas mulheres, representando entre 30 % a 50 % do PIB, de acordo com diferentes estudos realizados em todo o mundo pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)” (Villagomez, 2015), ou seja, existe um grande interesse econômico de perpetuar o trabalho doméstico não pago como uma inatividade econômica.

A Organização Internacional do Trabalho acredita que os dados oficiais de cada país não trazem uma margem completa da situação do trabalho doméstico. Martin Oetz, especialista em condições de trabalho, explica que esses dados não são divulgados geralmente porque não é feito o cálculo do trabalho doméstico não remunerado e nem das diaristas. Deste modo, os dados oficiais subcontabilizam o número das trabalhadoras domésticas em África, sendo que é uma profissão muito comum no continente, e, segundo as estatísticas de 2013, existem somente 5,2 milhões de mulheres nesta configuração do trabalho.

Se atualmente o trabalho doméstico ainda reproduz resquícios da escravidão, podemos imaginar que a situação de 1966, retratada no filme, era muito pior. Apesar disso, a personagem Diouana carrega situações pelas quais muitas trabalhadoras domésticas atualmente passam, essencialmente em relação a sobrecarga de trabalho e a exploração da força de trabalho sem remuneração, em especial as trabalhadoras domésticas imigrantes. Tanto no período colonial como no de “independência”, no Senegal as atividades de servilidade que a população branca não executava eram destinadas à população negra que, desta forma, inseriu-se no mercado de trabalho e, para as mulheres, “o fim da escravidão trouxe novos arranjos para que essas mulheres continuassem a exercer as mesmas atividades, deixaram de ser escravas domésticas e passaram a ser empregadas domésticas” (Pereira, 2011). Mesmo no período pós-abolicionista, conforme a autora Cecília Soares, patrões e patroas exigiam que as mulheres que trabalhavam de domésticas dormissem nas casas, de modo que a força de trabalho feminina negra fosse utilizada a qualquer momento, sendo a intenção, desde o início, do casal francês, ao levar Diouana para Antibes, na França.

A protagonista do filme é referida como uma “criada” que exerce todas as atividades domésticas que vão desde cozinhar até lavar as roupas, sendo que o combinado em Dakar era apenas cuidar das crianças que nem aparecem mais no recorrer do filme, com exceção do filho mais velho do casal que chega a ir para França depois de um tempo que Diouana já estava trabalhando na casa sem ganhar nenhum salário e constantemente sofrendo agressões verbais de sua patroa.

Em Dakar, enquanto ela estava trabalhando na casa, o tratamento com a mesma era outro, tanto que Diouana, feliz por ter conseguido o trabalho, presenteou o casal com uma máscara que havia comprado por 50 francos de um garoto de sua vila. A patroa também a

“presenteou” com suas roupas usadas como vestidos, roupas interiores, salto alto, entre outros pertences.

Essas relações de aproximação de afeto não somente físicas, mas emocionais também, não deixam de possuir uma relação de dominação entre patroa/patrão e trabalhadora doméstica. Uma relação hierárquica de raça, gênero e classe no mesmo ambiente posta dia-a-dia. E essa “ambiguidade intimidade/distanciamento é clara nessas relações em que ora se evidencia a proteção e benesses, ora se enfatiza a divisão das classes e as imposições” (Brito, 2012). É a herança da escravatura que permaneceu após a “abolição”, perpetuando essas características inseridas historicamente e socialmente na sociedade.

*O cotidiano da relação entre patroas e empregadas é marcado pelas diferenças simbólicas. Conforme Preuss (1997), Kofes (2001) e Ferreira (2009), a identidade definida pela fala, gestos, hábitos, cultura e outras individualidades impedem que o gênero social feminino seja classificado como uma única identidade, mesmo dentro do mesmo ambiente. A mídia, em particular a teledramaturgia, é uma poderosa ferramenta de construção de sentidos simbólicos, mas, conforme observa Bourdieu (2004), estes sentidos são definidos de acordo com a vivência dos próprios produtores e demais realizadores, que propagam sua ideologia de modo a manter o status quo dominante (Dalbeto e Souza, 2013).*

O almoço para os convidados de seus patrões é realizado de forma impecável por Diouana, que sonhava depois do evento conhecer a praia, ir em algumas lojas, já que conhecia a França somente a partir da janela do seu quarto, dos cômodos da casa, e da feira onde comprava produtos alimentícios. Neste almoço a personagem foi objetificada no mínimo em três momentos: quando falam sobre a culinária africana de uma forma exótica; quando um dos convidados a segura no braço e fala: “nunca beijei uma mulher negra” e a beija nas duas faces, apenas confirmando a hipersexualização da mulher negra e, por último, quando uma das convidadas pergunta se ela fala francês, e a patroa afirma que não, mas que ela entende, então o marido dessa convidada acredita que ela entende por ser um instinto, e sua esposa complementa: “como um animal”.

Diouana começa a refletir sobre o motivo de estar naquele lugar. Essa condição de escravizada começa a provocar algumas mudanças de comportamento da mesma que não quer ser tratada mais como um brinquedo. Então ela se torna indiferente, sem cumprimentar os patrões, que não compreendem que essa situação de confinamento e a submissão de ser obrigada a realizar todas as tarefas domésticas iria trazer sérias consequências na vida da mesma.

*A madame irritada pelo fato de Diouana ainda não ter acordado abre a porta de seu quarto e começa a gritar para que ela acorde. Chama-a de preguiçosa e diz que ela não está na África. Diouana ainda sonolenta se levanta e entra no banheiro. A madame demonstra estar muito nervosa e começa a bater na porta para que ela saia do banheiro. Diouana, porém, continua lá dentro e, nessa atitude, desafia a autoridade da madame. O monsieur lembra com o barulho mas permanece indiferente ao fato. Senta-se na sala e começa a ler o jornal. A madame aparece e lhe serve café. Ele afirma que talvez Diouana precise de um descanso, ou de um passeio pela cidade. No entanto, a madame diz que Diouana não conhece ninguém ali e que ela está sob sua responsabilidade na França (Alexandre, 2015).*

A negra de... quem? Essas reticências provocam uma série de dúvidas, porque a história de Diouana vai mostrando que, apesar de ser uma mulher que corre atrás de seus sonhos, acaba subordinada nas mãos de seus patrões, respondendo somente “sim senhor/a” e acatando todas as explorações. Apesar que alguns fatores são importantes para compreender essa submissão, já que ela estava sozinha na França.

Conforme a pesquisa “Saúde e Segurança Ocupacionais e Trabalho Doméstico – Uma síntese de constatações recentes no Brasil e na Tanzânia” realizada pelo Women in Informal Employment: Globalizing and Organizing – WIEGO (2011) “o abuso verbal e a humilhação diminuía a autoestima das trabalhadoras domésticas, deixando-as com a sensação de que o trabalho que realizam não é significativo”. E isso ficou posto no filme em diversos momentos quando Diouana estava preparando o almoço para os convidados, quando sempre ela estava limpando a casa vestida elegantemente (com acessórios e salto alto) e a patroa se irrita e impõe o uso do avental, entre uma série de fatos que fez com que Diouana se sentisse uma pessoa impotente no meio de uma situação de exploração e subordinação.

No meio de flashbacks entre passado e presente, em um dos momentos que o patrão diz que a mãe de Diouana havia enviado uma carta e a lê já que a mesma não era alfabetizada:

*“Querida filha, sou eu, sua mãe quem te escreve essa carta. Não tivemos notícias desde que você partiu. Consegui o endereço do seu patrão pelos correios. A minha saúde está pior a cada dia. Por que me deixaste sem recursos, filha? Não tenho com o que viver e você se divertindo na França... esbanjando o que ganha. Sei que não sabes escrever... mas estou certa que sua patroa fará isso por você, porque ela é uma grande mulher que lhe deu o que vestir. Ela escreve por você. Não debes pensar em si própria somente. Não mandaste um centavo sequer desde que saíste daqui embora tenha um bom salário. O que fazes com o dinheiro? Pense na sua mãe... que tem que pagar até pela água e é muito pobre. Penso sempre em você e rezo todos os dias por ti e por seus patrões. De sua mãe”.*

Diouana fica emocionada e calada. Não consegue responder ao patrão que prontamente afirma que devem responder à carta. Pergunta o que ela quer que escreva, porém já inicia a carta, falando por ela mesma. Diouana rasga a carta e vai ao quarto chorar. Gostaria que sua mãe soubesse a “grande mulher que sua patroa é”, gostaria de saber escrever para contar que não está vivenciando nenhuma diversão. Vendo o jeito “estranho” de Diouana, o patrão lhe entrega o dinheiro, perguntando se ela gostaria de receber o salário. Depois de ter sido explorada por um bom tempo, a mesma nem consegue segurar o dinheiro.

Essa exploração cria uma revolta interna, esse silêncio oprimido lhe dá força para não continuar aceitando os abusos. Em uma das falas, ela diz convicta que “não será mais um brinquedo”. Então para de comer (porque a patroa havia dito que se ela ficasse sem realizar o trabalho, ela também não poderia comer) e de realizar as atividades domésticas. Com seus sonhos frustrados de emigrante e a clausura permanente que Diouana havia passado, para dar fim a essa exploração da sua força de trabalho ela arruma sua mala com sua máscara e comete suicídio na banheira.

### 3. Considerações finais

Retornamos no passado para entender o presente, visando desconstruir os estereótipos e a estrutura racista que impõe a população negra deste país, desde o período colonial e que se perpetua atualmente determinando a invisibilização das/os historicamente excluídas/os, resultando em efeitos perversos para as mulheres negras que experimentam a Colonialidade de Gênero que, segundo Lugones, se apresenta nas múltiplas opressões interseccionadas e que só podem ser extinguidas através de um pensamento descolonial não-hegemônico protagonizado por mulheres de cor.

As experiências vivenciadas por Diouana podem abranger semelhanças com outras trabalhadoras domésticas negras, porém sabemos da existência da particularidade de cada uma e objetivamos neste artigo não falar por elas mesmas, mas sim relatar as narrativas “de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido” (Evaristo, 2005).

Apesar do filme ser produzido por um homem cisgênero, o filme é narrado através dos próprios questionamentos da protagonista senegalesa, e contestador por trazer as explorações de raça e gênero tanto nas relações de trabalho quanto sociais, sendo uma discussão que ainda é tabu, inclusive no cinema.

Muitas críticas em relação a *La noire de...* já foram realizadas, por afirmarem que Sembène discute o tema de modo “sutil” como se tivesse medo da elite branca europeia, principalmente a francesa, por não ter trazido demandas das feministas como o papel de submissão das mulheres com seus maridos, sobre a mutilação feminina e poligamia. Porém, devemos compreender primeiramente o período histórico. Há quase 50 anos, esse filme foi um pontapé inicial para que viessem outras produções que questionassem todas essas opressões imbricadas na sociedade africana advindas do Eurocentrismo. Depois, devemos saber que essas demandas do feminismo ocidental não representam todas as mulheres africanas, algumas delas, como a senegalesa Ken Bugul, por exemplo, defendem a poligamia como uma configuração familiar de sua cultura. Então, o feminismo ocidental não pode se sobrepor sobre as mulheres em África e afirmar o que é feminismo e o que não é. Devem se unir contra as opressões vivenciadas em qualquer esfera.

Sembène nesta obra oferece reflexões sobre a condição da mulher senegalesa como emigrante, como uma trabalhadora doméstica encarcerada, como uma mulher escravizada, mesmo após a abolição da escravatura, sobre os estereótipos eurocêntricos em relação à cultura africana, sobre a desumanização dos indivíduos africanos, sobre muitos assuntos que não são debatidos, mas que são mais que necessários para compreendermos e combatermos as opressões existentes no Senegal e no continente africano.

### Referências bibliográficas

- Alexandre, Jonas (2015), *Pode o subalterno filmar? A Poética Política dos Filmes La Noire de... e Soleil Ô*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Apfelbaum, E. (2009), *Dominação*. in Hirata, Helena (orgs.), *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP.
- Ballestrin, Luciana (2013), *América Latina e o giro decolonial*. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n.º 11, pp. 89-117.

- Barbosa, Luciana Candido; Soares, Maria De Lourdes (2012), *Trabalho Doméstico, Trabalho Desvalorizado, Trabalho de Mulheres*. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/284>>. Acesso em 09 de novembro de 2015.
- Brito, Marcelo (2012), *Empregadas Domésticas: Intimidade e Distanciamento nas Relações de Trabalho*. Disponível em: <[http://unimontes.br/arquivos/2012/geografia\\_ixerg/eixo\\_politica\\_meio\\_ambiente/empregadas\\_domesticas\\_intimidade\\_e\\_distanciamento\\_nas\\_relacoes\\_de\\_trabalho.pdf](http://unimontes.br/arquivos/2012/geografia_ixerg/eixo_politica_meio_ambiente/empregadas_domesticas_intimidade_e_distanciamento_nas_relacoes_de_trabalho.pdf)> Acesso em 18 de novembro de 2015.
- Bureau Internacional do Trabalho (2010), *Trabalho digno para o trabalho doméstico*. Relatório IV(1), Genebra. Disponível em: <[http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/pub\\_trabdomestico.pdf](http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/pub_trabdomestico.pdf)> Acesso em 10 de novembro de 2015.
- Dalbeto, Lucas do Carmo; Souza, Florentina Neves (2013), *Patroas vs Empregadas: O conflito das classes retratado nas telenovelas*. IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem, Londrina – Paraná.
- Iamamoto, Marilda (2007), *Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social*. São Paulo: Cortez.
- Gomes, N. (2005), *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil*. In Brasil. MEC/SECAD. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n.º 10. 639/03*. Brasília: MEC/SECAD.
- Hanebelle, Guy (1968), *Ousmane Sèmbene. Jeune Cinéma*. n.º 34, pp. 4-9.
- Marx, Karl (1988), *O Capital*. vol. 2, 3.ª edição. São Paulo: Nova Cultural.
- Marx, Karl; Engels, Friedrich (1977), *A ideologia Alemã*. São Paulo: Grijalbo.
- Melo, Hildete Pereira de; Castilho, Marta (2009), *Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? Economia Contemporânea*. n.º 13 (1), pp. 135-158.
- Mignolo, Walter (2010), *Desobediência epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Argentina: Ediciones del signo.
- Nascimento, Saymon (2015), *Sembène, o pai do cinema africano*. Disponível em: <<http://www.redeangola.info/especiais/sembene-o-pai-do-cinema-africano/>> Acesso em 12 de novembro de 2015.
- Pereira, Bergman de Paula (2011), *De escravas a empregadas domésticas – A dimensão social e o ‘lugar’ das mulheres negras no pós-abolição*. In XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH: 50 anos, São Paulo: ANPUH-SP.
- Perrot, Michelle (1988), *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Pires, Julio Manuel; Costa, Iraci del Nero (2000), *O capital escravista-mercantil: caracterização teórica e causas históricas de sua superação*. *Estudos Avançados*, n.º 38, pp. 87-120.
- Saffioti, Heleieth (2013), *A Mulher na Sociedade de Classes – Mito e Realidade*. São Paulo: Expressão popular.
- Santiago, Luiz (2015), *Crítica: Garota negra/ A Negra de...* Disponível em: <<http://www.planocritico.com/critica-garota-negra-a-negra-de/>>. Acesso em 12 de novembro de 2015.
- Scalon, M.; Araújo, C. (2005), *Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil*, in Scalon, M. Araújo, C. (orgs.) *Gênero, Família e Trabalho no Brasil*, Rio de Janeiro: FGV.
- Soares, Cecília Moreira (2006), *Mulher negra na Bahia do século XIX*. Salvador: EDUNEB.

- Villagomez, Elizabeth (2015), *Mulheres na América Latina e Caribe*. Disponível em: <<http://www.institutovidaecarreira.com.br/site/mulheres-na-america-latina-e-caribe/>> Acesso em 19 de outubro de 2015.
- Quijano, A. (2005), *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*, in Lander, Edgardo (orgs.), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*, Buenos Aires: Clacso.
- WIEGO (2012), *Saúde e Segurança Ocupacionais e Trabalho Doméstico – Uma síntese de constatações recentes no Brasil e na Tanzânia*. Alfors, Laura (orgs.). Disponível em <[http://wiego.org/sites/wiego.org/files/resources/files/OHS\\_DW\\_Portugues\\_2012.pdf](http://wiego.org/sites/wiego.org/files/resources/files/OHS_DW_Portugues_2012.pdf)> Acesso em 03 de novembro de 2015.